

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NAS REUNIÕES ANUAIS DA ANPED: ESPAÇOS E TEMAS

Rosa Maria Hessel Silveira – PPGEduc-UFRGS

Iara Tatiana Bonin – PPGEduc-ULBRA

Primeiras palavras

As relações entre a literatura que tem como destinatário a criança ou o jovem e a instituição escolar já ensejaram muitas análises (e proposições delas decorrentes) que enfatizam as diferentes alianças entre essas duas instâncias. Não se trata, entretanto, de uma questão “resolvida” e para sempre fechada, em relação à qual haja consenso que pautar a uniformidade de ações; assim, por exemplo, o incremento de programas governamentais variados visando à ampliação dos acervos de literatura das escolas, assim como a emergência de novas temáticas no espaço social e, em decorrência, no espaço escolar (ver as questões de etnia e gênero-sexualidade), vem motivando novas discussões sobre as conexões entre literatura-escola. E é tendo como pano de fundo os diferentes equacionamentos de tal relação que apresentamos a presente análise, voltando-nos especificamente para uma instância legitimada no espaço acadêmico da pesquisa em educação: as reuniões anuais da ANPED e os trabalhos nelas apresentados, fruto, como se sabe, de um labor acadêmico de diferentes instituições de pesquisa e pós-graduação brasileiras, e submetidos a um processo anual de seleção, o que, em princípio, garantiria um reconhecimento de sua qualidade e relevância.

Pois bem: nosso objetivo, no presente texto, é, a partir de um mapeamento de trabalhos apresentados nas reuniões da Anped – da 23ª a 32ª (2000 a 2012) – que focalizam a literatura infantil e infanto-juvenil, discutir o lugar que o campo tem ocupado nesta última década em tais eventos, assim como os tópicos e formas preferenciais de abordagem do mesmo. Para tal intento, foram selecionados trabalhos apresentados no GT10 (Alfabetização, leitura e escrita) (a maioria), mas também no GT07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), GT13 (Educação Fundamental), GT 21 (Educação e relações étnico-raciais) e GT 23 (Gênero, sexualidade e educação).

Algumas observações preliminares se fazem necessárias, para que se entenda o escopo e o caráter do presente texto. Não se trata, *stricto sensu*, de um *estado da arte*, tarefa para a qual nos faltariam recursos materiais e de tempo, mas de um estudo menos ambicioso que – ao rastrear e aproximar textos de pouco mais de uma década de reuniões – busca identificar tendências, preferências e pontos de vista, assim como ausências, e sinalizar questões para reflexão. Assim, a decisão de não se restringir aos trabalhos do GT10 se deveu à identificação de trabalhos também com esta pauta em outros GTs, embora, obviamente, em menor número.

Apenas para adiantar alguns resultados do nosso rastreamento, dos 28 trabalhos analisados, 9 foram apresentados em outros GTs, conforme se verá no Quadro 1, o que, *grosso modo*, pode ser simplificado no entendimento de que, em cada 3 trabalhos analisados, 1 foi apresentado fora do GT 10.

O critério utilizado para a escolha de trabalhos foi, a partir da leitura dos resumos e – após uma prévia seleção desses – da leitura dos trabalhos completos, a presença da literatura infantil-juvenil ora como foco central do trabalho, às vezes denotada por expressões no título (*Letramento literário, leitura literária, literatura/escola, literatura para criança*, p.ex.), ora como elemento importante da pesquisa relatada ou do ensaio apresentado. Foi necessário, assim, garimpar, entre os inumeráveis trabalhos que tratavam de *leitura*, aqueles nos quais se abria um espaço para o privilégio de livros de literatura ou (de maneira mais ampla) de textos literários, neles englobadas tanto obras para leitores da educação infantil, como do ensino fundamental e do ensino médio. Lidos os trabalhos, foram eles agrupados em eixos, adiante explicitados e explorados, assim como foram identificados por outros dados quantificáveis.

Considerando o fato de que nos debruçamos apenas sobre os trabalhos cujos textos completos se encontram disponíveis no portal da ANPED – e isso significa trabalhos desde a 23ª reunião anual – julgamos importante, embora de forma sucinta, traçar um breve recorrido sobre a presença da literatura nos anos anteriores do GT 10, aquele em que, preferencialmente, se localizariam os trabalhos sobre a temática. Na impossibilidade de retomarmos outras fontes, nos serviremos de texto de Goulart e Kramer (2001), em seu detalhado e esclarecedor exame das atividades do GT Alfabetização, Leitura e Escrita (inicialmente apenas Alfabetização), da década 1991-2001. As autoras mencionam, pela primeira vez neste período, a presença de trabalhos sobre literatura infantil na 17ª reunião anual, de 1994. No ano seguinte, conforme as autoras, é que o GT passou a ter o nome atual, “configurando a ampliação do conceito de alfabetização e a sua amplitude” (op.cit. p. 155). Já na 19ª Reunião Anual (1996), os estudos, conforme as autoras, foram divididos em quatro temáticas, uma das quais é denominada “Literatura infantil, leitura e escrita”, em que – menciona-se – um trabalho questiona “as finalidades do trabalho com a literatura infantil na escola” (p. 134), um dos tópicos centrais que inspira e subjaz grande parte das discussões hodiernas sobre a literatura infanto-juvenil. Também no rol dos trabalhos apresentados na reunião de 1997, localiza-se a temática “100 anos de poesia nas escolas brasileiras” (op.cit., p. 136). Já em relação à 21ª Reunião Anual (1998), as autoras apontam o “crescente interesse pela compreensão do papel da literatura na escola e na formação de professores”. Registre-se que, na reunião seguinte, a 22ª. (1999), um dos trabalhos encomendados denomina-se 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

“Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares”, apresentado por Graça Paulino, e é possível rastrear a influência e as derivações que frutificaram a partir do conceito referido – letramento literário – nos trabalhos do intervalo temporal que ora analisamos. Entretanto, os eixos mencionados para tal reunião não sugerem a presença significativa de trabalhos sobre a questão da literatura infanto-juvenil. Na 23ª. reunião (2000), o minicurso oferecido no GT focaliza a “Recepção estética na escola: o caso da literatura”, também a cargo da profa. Graça Paulino; conforme as autoras, o minicurso “através de uma visão histórica e de análise crítica de mediações da recepção de textos literários, discute alternativas para a educação estética na escola” (p.139). Em análise sintética dos trabalhos apresentados no período 1991-2001, as autoras apontam a progressiva ampliação de temáticas naquela década, para além dos aspectos do processo de alfabetização, da leitura e da produção textual, com a introdução de “novas dimensões, como a literatura, vista no seu papel social” (p. 141).

Vislumbra-se, assim, pelo relato analítico das autoras, uma gradual abertura à temática da literatura no GT 10, na década anterior à que examinamos, com a emergência de conceitos como o do “letramento literário”. Tomando tal relato como pano de fundo, iniciamos nosso percurso analítico para o qual convidamos o leitor a partir da próxima seção.

Breve caracterização dos trabalhos

A visualização da distribuição dos 28 trabalhos localizados¹ – cujos títulos vêm referidos ao final deste trabalho – propicia algumas análises preliminares.

Quadro I - DISTRIBUIÇÃO DE TRABALHOS SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONFORME ANO DE REUNIÃO DA ANPED E GRUPO DE TRABALHO

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	TOTAL
GT ↓	23a. reun.	24a. reun.	25a. reun.	26a. reun.	27a. reun.	28a. reun.	29a. reun.	30a. reun.	31a. reun.	32a. reun.	33a. reun.	34a. reun.	35a. reun.	
06			<u>1</u>											<u>1</u>
07									<u>1</u>		<u>1</u>			<u>2</u>
10	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>2</u>		<u>1</u>	<u>1</u>		<u>2</u>	<u>1</u>	<u>4</u>	<u>2</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>19</u>
13											<u>1</u>	<u>1</u>		<u>2</u>
21												<u>1</u>	<u>1</u>	<u>2</u>
23									<u>2</u>					<u>2</u>
TOTAL	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>0</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>0</u>	<u>2</u>	<u>4</u>	<u>4</u>	<u>4</u>	<u>4</u>	<u>2</u>	<u>28</u>

¹ Por questões de espaço, optamos por listar todos os trabalhos ao final do texto, com os autores e origem institucional dos mesmos, atribuindo um número a cada um deles; assim, no corpo do texto, faremos uso apenas dessa referência numérica.

Verifica-se, assim, que o número de trabalhos sobre a temática, por reunião da ANPED tem se mostrado bastante estável, ainda que possa ser julgado não significativo, tendo em vista os números totais de trabalhos anualmente selecionados – mais de 200. Quanto à sua localização, para além do GT-10, como mencionamos, encontramos um trabalho (Tr. 04), no GT06 – Educação Popular; dois trabalhos (Tr. 11 e 19) no GT07 – Educação de crianças de 0 a 6 anos; dois trabalhos (Tr. 22 e 25) no GT13 – Educação Fundamental; também dois trabalhos (Tr. 26 e 28) no GT21 – Educação e relações étnico-raciais, assim como dois trabalhos (Tr. 13 e 14) no GT23 – Gênero, Sexualidade e Educação. Tais ocorrências tanto assinalam uma intersecção de temáticas – livros de literatura que englobam questões étnicas e de gênero, por exemplo – como uma preferência pela apresentação de trabalhos (em especial de relatos analíticos de pesquisa empírica) nos GTs que se debruçam sobre âmbitos e níveis de ensino, no caso dos que se dedicam à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental.

Por outro lado, a análise da autoria dos 28 trabalhos selecionados indica a existência de 32 autores, considerando-se trabalhos com dupla autoria (oito trabalhos), tripla autoria (um trabalho) e a repetição de autores: seis autores têm dois trabalhos, entre os selecionados para o estudo. Já a análise da origem institucional dos autores indica a quase totalidade de filiação dos mesmos a instituições de ensino superior (à exceção de um trabalho em coautoria, em que uma autora está filiada a uma escola de ensino médio); dentre as IES referidas, temos a presença de 10 universidades públicas e 6 universidades privadas. A UFMG apresenta o maior número de autores (6), seguida pela UERJ (4), UFRGS (4) e ULBRA (4). Já se olharmos a distribuição geográfica das IES às quais os autores se filiam, observa-se uma concentração de IES da região Sudeste (8 instituições dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e da região Sul (7 instituições do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), com apenas um trabalho elaborado em universidade da Região Norte e nenhum trabalho oriundo de IES da Região Nordeste ou Centro-Oeste. Observe-se, ainda, a fraca representatividade da produção de universidades paulistas, as quais, é de conhecimento público, têm pesquisadores de renome na área, com produção nacionalmente reconhecida. Tal fato pode apontar para o não reconhecimento do espaço das reuniões da ANPED como instância de interesse para divulgação de trabalhos no campo ou, eventualmente, para uma

filiação maior de tais pesquisadores a centros e programas do campo das Letras, nos quais, já há algumas décadas, há pesquisas sobre o tema².

É evidente que os dados e comentários anteriormente trazidos devem ser matizados, na medida em que incidem apenas sobre os trabalhos selecionados para apresentação, desconhecendo-se, em função da fonte utilizada, o total de trabalhos inscritos, mas não aprovados, que se inseririam na temática de literatura infantil.

Aprofundando a análise – quatro eixos

Para que fosse possível uma visão panorâmica das tendências dos trabalhos analisados, foram eles agrupados em quatro conjuntos, ressalvado o caráter arbitrário de qualquer agrupamento e categorização. Assim, constituindo o grupo mais numeroso, foram agrupados 16 trabalhos nos quais **o eixo inspirador é o relato analítico de pesquisas empíricas** sobre preferências de leitura de livros, escolhas concretas observadas, práticas cotidianas de leitura (dentro e fora da sala de aula), assim como sobre trajetórias leitoras em que a literatura infantil ou juvenil estava presente. Em relação a esses 16 trabalhos, é importante situar a etapa sobre a qual se debruçaram as investigações. Sobre leituras de crianças da educação infantil, identificamos cinco trabalhos (Tr. 7, 17, 19, 23 e 28). Já em relação a alunos do ensino fundamental, localizamos cinco trabalhos que se voltaram para os anos iniciais (Tr. 1, 12, 20, 22 e 25) e três que focalizaram alunos da faixa etária atendida nos anos finais (Tr. 5, 9 e 27). Já as leituras literárias de alunos do ensino médio foram mote para apenas dois trabalhos – Tr. 6 e 15. A leitura e o cotejo atento dos textos permitiu identificar que, em três casos, uma mesma investigação possibilitou a apresentação de diferentes trabalhos, por vezes com temáticas e dados distintos. Esse é o caso dos trabalhos 17 e 19, que se debruçam sobre critérios de seleção e modos de interação de crianças da educação infantil com obras literárias escolhidas, enfatizando-se em ambos a importância da ilustração, da preferência pelos clássicos e da identificação como importantes dados para as escolhas infantis³. Também os trabalhos 5 (pôster) e 9 focalizam momentos e aprofundamentos distintos de uma mesma pesquisa, sobre bibliotecas pessoais de alunos de 10 a 14 anos; no caso, os dois trabalhos foram apresentados no GT 10. Já os trabalhos 20, 22 e 25, oriundos de uma mesma pesquisa com turmas de alunos de anos iniciais, focalizam, respectivamente, as formas de apropriação

² A consulta ao site da ANPOLL - , Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.- entretanto, não nos possibilitou informações mais precisas sobre trabalhos acerca da temática apresentados em reuniões nacionais, embora informe sobre a existência do GT – Leitura e Literatura Infantil e Juvenil.

³ Os dois trabalhos foram apresentados em anos e GTs também diversos: GT 10 e GT 07.

de recursos de humor da literatura infantil nas produções das próprias crianças (o primeiro), a interpretação de representações étnico-raciais de livros de literatura infantil por grupos de alunos (o segundo) e, finalmente, o terceiro discute questões teórico-metodológicas sobre leitura literária na escola, a partir das experiências realizadas no referido projeto.

Do ponto de vista metodológico, os trabalhos analisados referem tanto procedimentos etnográficos, de imersão em sala de aula (tr. 1 e 7, por exemplo), como o uso de entrevistas que trazem resultados de pesquisas empíricas (tr. 9) e questionário (tr.15). Alguns trabalhos conjugam mais de um procedimento metodológico, como é o caso do tr. 27, em que, com o intuito de “conhecer os circuitos da leitura, as relações de partilha e as pequenas escolhas” de crianças entre 10 e 14 anos num assentamento, com foco numa biblioteca escolar, a autora utilizou observação participante, entrevistas individuais e coletivas e análise de registro de empréstimo de obras na biblioteca e sala de leitura. Já o trabalho 15 se valeu tanto de questionários, como de entrevistas, da produção de textos e da gravação em áudio de uma oficina de leitura de texto literário.

Fugindo ao desenho investigativo baseado na escolha de sujeitos por critérios de escolaridade, o trabalho 3 se debruçou sobre as trajetórias de jovens leitores e escritores oriundos dos subúrbios do Rio de Janeiro, caracterizados como mestres de RPG, através de entrevistas semiestruturadas, incursões no campo e observação a partir da imersão nos espaços da pesquisa. É interessante registrar como a literatura infantil e juvenil emerge nas histórias contadas pelos “mestres”, ao serem instigados a falar sobre suas próprias histórias de leitura.

À parte a temática de preferências, escolhas e práticas de leitura, presentes na maioria dos trabalhos, um texto específico (tr. 12) se debruçou sobre a leitura de narrativa verbo-visual de um livro de literatura infantil por alunos dos anos iniciais, através da análise dos procedimentos e da priorização da palavra em detrimento da imagem, desenvolvendo uma vertente pouco visitada nos trabalhos do GT sobre literatura infanto-juvenil.

Por outro lado, certamente como reflexo da introdução no espaço escolar das temáticas étnico-raciais, dois trabalhos – tr. 22 e 28 – se voltaram para negociações que crianças (da educação infantil e dos anos iniciais) fazem com as representações afro-brasileiras de livros de literatura infantil, envolvendo dimensões de identificação com as personagens dos livros, a partir de um trabalho mediado pela professora ou pesquisadora.

Em relação aos dois trabalhos que trazem pesquisas levadas a efeito no Ensino Médio, observaram-se duas concepções diferentes entre si. O tr. 15 (2009) discute de maneira informada e teoricamente posicionada o dado da pesquisa que indica a existência de dois

grupos de leitores – os que leem os clássicos por dever escolar e aqueles que leem uma literatura “normalmente rechaçada pela escola e que parece lhes agradar mais” (sic), buscando refletir sobre as repercussões de tal estado de coisas no trabalho docente e nas práticas escolares. Já o tr. 6 – pôster da reunião de 2002 – lança mão da teoria vygotskiana para examinar atividades de interpretação de textos poéticos do Parnasianismo (justificado por ser parte do “conteúdo programático do 2º ano do Ensino Médio” (sic) por pares de alunos, classificando-os em “fracos, médios e fortes”, conforme suas respostas e examinando se, fazendo outras combinações de pares de alunos, eram observadas vantagens cognitivas. Efetivamente, este trabalho constitui um exemplo isolado, dentro de todo o corpus examinado, na medida em que os pressupostos em que repousa seu conceito de “leitura literária” não são partilhados por quaisquer outros autores.

Duas palavras finais enunciamos agora, em relação aos trabalhos que trazem prioritariamente resultados de pesquisas empíricas. Em primeiro lugar, é importante mencionar que todos eles trazem – como seria de se esperar – um embasamento teórico mais ou menos desenvolvido, a partir do qual expõem, explicam e analisam a investigação e seus resultados. Em segundo lugar, é preciso mencionar a relevância, na maioria deles, conferida ao conceito de mediação, apontando-se para a importância de um trabalho mediador adequado entre as obras literárias e os alunos, quer sejam da educação infantil, quer sejam do ensino fundamental, quer sejam do ensino médio.

Num segundo eixo de trabalhos, agrupamos aqueles que nomeamos como “**ensaios**”, na medida em que não repousam sobre dados empíricos, mas pretendem discutir temáticas caras à leitura de literatura no plano pedagógico ou presentificar, através de bibliografia especializada e atual, temáticas emergentes pouco abordadas no campo pedagógico. Em tal conjunto, localizamos seis trabalhos. O tr. 2 (2001), intitulado “Algumas reflexões sobre a relação literatura/escola”, traz como objetivo a apresentação de “reflexões sobre a entrada da literatura na escola”, trazendo para tal discussão contribuições da Teoria Literária, Sociologia da Leitura, História Cultural, representadas tanto por proposições analíticas de autores estrangeiros, como Bourdieu, Fraisse, Chartier, quanto de autores brasileiros reconhecidos: Soares, Lajolo, Kramer e Jobim, Paulino, notadamente, fazendo-os dialogar com a letra dos próprios PCNs, então uma legislação bastante nova. Além da explanação e confronto de ideias, há que se ressaltar também o caráter propositivo e engajado do texto, o que pode ser sintetizado pelas palavras com que se abre a conclusão: “O conjunto de proposições expostas acima se constituiria em trabalho de construção paulatina de autonomia dos leitores, no

sentido de proporcionar-lhes, cada vez mais, condições de escolher os textos e as obras, canônicas ou não, para a ampliação do seu repertório de leituras, baseadas em critérios claros para eles” (p. 13).

Já o trabalho 4, pôster apresentado no GT 6, consiste apenas numa apresentação geral de algumas ideias correntes sobre a leitura de literatura. O tr. 8, de autoria de uma das pesquisadoras mais citadas em outros trabalhos do GT, Graça Paulino, retoma a temática das especificidades da leitura literária, procurando traçar o que há de comum e de diverso entre a leitura dos “objetos literários” e dos outros textos. Para tanto, dialoga com autores da Estética da Recepção, com a teorização sobre habilidades cognitivas e competências sociais (a partir de Gatti), com contribuições da Sociologia, através de Bernard Lahire, e, finalmente, com a teoria da complexidade, através de Morin.

Se em trabalhos anteriormente citados, a questão do cânone já tinha sido aludida, o trabalho 10, intitulado “O lugar do cânone no letramento literário”, toma esta questão como central, propondo a discussão de um ponto de vista histórico (desde a minorização das Humanidades no currículo), dialogando com Nietzsche, Gramsci, aludindo aos problemas atuais da educação brasileira e analisando, com perspicácia, o papel das vanguardas na contestação da “atitude devota diante do cânone”. Blanchot, Eco, Perrone-Moisés, Petrucci e a corrente dos Estudos Culturais são convocados para o diálogo que o autor enceta sobre as conexões possíveis entre o letramento literário e as funções do cânone na escola contemporânea.

Ao falarmos em contemporaneidade e leitura literária, uma temática emergente e necessária nesses tempos de internet e virtualização emerge e é a que diz respeito à literatura no ciberespaço, à chamada literatura eletrônica. Tal é o escopo do texto 21, “Identidades de leitor na era digital: o ciberleitor infante-juvenil”, que discute os deslocamentos ocorridos na identidade do leitor de literatura infante-juvenil quando passa a interagir com a literatura em meio digital e não mais em meio impresso. A partir da análise de poemas disponibilizados na web e adaptados para linguagem hipertextual e hipermediática, o autor discute a possibilidade de se falar sobre uma nova categoria de leitor literário a partir da cibercultura.

Como último texto desse grupo de trabalhos, temos o tr. 24, que se debruça sobre o livro de imagem, como um gênero textual que, presente na escola pública (principalmente em função da distribuição de livros do PNBE), demanda novos tipos de leitura e aprendizagem, no que é considerado o “letramento visual”. A partir da história do livro de imagem, a autora discute o suporte e a função social do mesmo, esboçando uma contribuição para a abordagem de leitura do livro de imagem.

Verificamos, assim, que nesse grupo de trabalhos de caráter mais ensaístico, as temáticas variam, ainda que haja (como seria de se esperar) uma focalização maior na questão da leitura literária, do letramento literário e nas relações entre escola e literatura.

Num terceiro eixo de trabalhos, localizamos aqueles que se dedicam à discussão das formas como se constituem os **acervos literários** que chegam às escolas ou, então, selecionam conjuntos de livros para análise, a partir de temáticas específicas. Quatro trabalhos foram identificados: 1 no GT 7, dois no GT 10 e 1 no GT 21.

Numa primeira direção, versando sobre acervos de distribuição governamental, encontramos o trabalho 11, que é parte de uma pesquisa mais ampla e analisa a constituição dos primeiros acervos de literatura destinados ao público infantil do PNBE 2008. As autoras propõem uma análise do processo de constituição desses acervos e a resposta das editoras ao edital específico, por meio da inscrição de títulos que julgaram ser adequados ao público infantil, problematizando possíveis representações e critérios de seleção. Com tal procedimento analítico, elas empreendem, ainda que de modo embrionário, um esboço das representações de infância e de literatura subjacentes a tal análise.

O segundo trabalho (Tr. 18) que versa sobre acervos governamentais intitula-se “Os critérios dos especialistas para os livros literários a serem lidos na escola” e consiste também em recorte de estudo mais amplo. No texto apresentado, as autoras examinam 72 pareceres elaborados por especialistas (pesquisadores universitários) relativos a obras classificadas no gênero literário “narrativas curtas” do PNBE-2005. As autoras colocam em destaque os parâmetros de julgamento de obras de literatura infantil no quesito “qualidade literária” e, assim procedendo, pretendem problematizar não apenas as representações de literatura destes especialistas, como também a interlocução e interação entre universidade e escola. Elas salientam, ainda, que os pareceres apresentam um teor crítico aos modos escolares de leitura literária. Nas palavras das autoras, “O livro é considerado bom, por não coincidir com o que a escola normalmente propõe como leitura literária, ou seja: preocupação exacerbadamente didática, tom moralizante, dimensão instrumental, funcional, servil, pragmática, intenções de lições a serem tiradas.” (SILVA e MORAES, 2008, p. 16). Tal apreciação se dá, nos pareceres, através de negativas. Como último aspecto, as autoras destacam que alguns pareceres assumem, por vezes, a posição de autoridade, recomendando e prescrevendo práticas adequadas aos docentes para fazer um uso produtivo da obra analisada. Conclui-se, assim, que, mesmo não sendo os professores e a escola os destinatários diretos desses pareceres, estes aparecem na cena enunciativa e são também aí representados.

Uma segunda direção assumida pelos trabalhos deste eixo é aquela que coloca em análise temáticas específicas, amplamente discutidas no campo educacional. Dos dois trabalhos dessa direção, o primeiro aborda a temática das diferenças na literatura. Partindo do pressuposto de que os paratextos das obras são importantes guias para a sua leitura, as autoras analisam as diferentes formas como estes se alinham a uma dimensão pedagógica, ensinando e buscando influenciar condutas e atitudes dos leitores em relação à temática da diferença. Examinando os paratextos de 19 livros de literatura infantil que abordam a diferença, as autoras identificam e analisam dois discursos que os perpassam: o discurso multiculturalista e o discurso científico.

Ainda compondo os trabalhos que focalizam temáticas específicas em livros e acervos, situa-se o trabalho 26, denominado “Pesquisas sobre literatura infanto-juvenil e relações raciais: um breve estado da arte”, que apresenta um quadro com a compilação de pesquisas realizadas sobre literatura infanto-juvenil e temática racial no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 e os estudos mais recentes, com o objetivo de traçar um panorama desses períodos e compará-los. Neste trabalho, destacam-se dois movimentos analíticos referentes aos estudos selecionados pela autora. O primeiro corresponderia à explicitação do racismo literário e o segundo, à análise das novas configurações do racismo. A autora identifica alterações mais recentes relacionadas às representações de personagens negros, ligadas, segundo ela, a uma tendência de reconhecimento e valorização da diversidade no Brasil. Contudo, ela indica que as mudanças identificadas dizem respeito a um desdobramento mais sutil e complexo do discurso racista. Neste segundo grupo de estudos, concentram-se aqueles que problematizam as novas configurações do racismo, e tais autores identificam a reiteração de certos aspectos já registrados no quadro anterior e a ampliação das práticas racistas, sob novas formas. A autora finaliza seu texto argumentando que a maioria dos estudos que problematizam literatura e relações étnico-raciais mostra uma reiteração do racismo, seja ele mais velado, mais explícito, ou ainda reinventado em categorias mais complexas e sutis. Tais representações racistas são, segundo a autora, apresentadas em grande maioria nas obras de literatura infantil e infanto-juvenil analisadas por pesquisadores de diferentes instituições brasileiras.

Como último agrupamento de trabalhos, aproximamos dois textos, do GT 23 – Gênero, sexualidade e educação – que guardam uma peculiaridade: tratam do trabalho com professores e sua relação com a literatura infantil. Assim, o tr. 13 relata de forma detalhada o desenvolvimento de um conjunto de atividades com livros de literatura infantil escolhidos por, de alguma forma, subverterem as representações tradicionais de gênero, atividades essas

desenvolvidas com professores em um programa de capacitação sobre gênero. Ainda que o trabalho apresente algumas reflexões teóricas sobre a literatura infantil, parece enfatizar a função instrumental e pedagógica da mesma, conforme se lê no início das Considerações (finais): “Os relatos finais e a avaliação do grupo confirmaram a importância de se trabalhar as questões de gênero e diversidade sexual na escola e a pertinência de fazer esse trabalho por meio da literatura infantil. (...) Os participantes (...) puderam ver neles [livros infantis] uma ferramenta que pode dar suporte aos mesmos no cotidiano escolar.” Já o tr. 14, de certa forma, vai na contramão do anterior, pretendendo problematizar “o uso do livro literário na abordagem escolar dos temas transversais, e mais especificamente da sexualidade e gravidez na adolescência, para então dar relevo aos significados construídos pelos(as) docentes na apropriação dos livros” e o faz a partir de entrevistas com docentes que trabalharam com livros de literatura infanto-juvenil que tematizavam a gravidez na adolescência. Na conclusão do trabalho, a autora sugere a adoção de “proposições mais críticas” na “apropriação do livro literário”.

Palavras finais

A partir do percurso empreendido para responder à questão inspiradora do nosso estudo – qual o lugar que a literatura infanto-juvenil tem ocupado nas Reuniões Anuais da Anped e quais as formas prevalentes nesse espaço – voltamos-nos para alguns tópicos que buscam sintetizar os passos realizados.

Examinando trabalhos selecionados apresentados nas 12 últimas Reuniões Anuais – excluindo-se trabalhos encomendados e minicursos – foi possível comprovar a expectativa de que a maioria deles estivesse localizada no GT 10 – Alfabetização, leitura e escrita, ainda que quase um terço do total se distribua por outros GTs, conforme apontamos. A leitura atenta dos mesmos aponta para conceitos e autores bastante visitados, ainda que não se possa falar – em absoluto – de uma redução ou estreiteza de visões. Roger Chartier, Bourdieu, Umberto Eco, Bakhtin, Benjamin, Magda Soares, Marisa Lajolo, Graça Paulino são, entre outros, possivelmente os mais citados numa visão transversal dos trabalhos. A abordagem cultural, histórica e sociológica, assim como o acento na literariedade e dimensão estética da literatura predomina nos trabalhos, embora não abarque todos, conforme pudemos verificar em trabalhos que ou assumem uma visão instrumental da literatura infanto-juvenil, ou se detém numa visão curricular. Conceitos como de mediação, letramento literário, leitura literária estão presentes na maioria dos textos, ao lado de outros conceitos, provendo uma

fundamentação teórica que também opera na apresentação de trabalhos que trouxeram resultados de investigações acadêmicas.

Por outro lado, seria inadequado pensar que os trabalhos sobre literatura infanto-juvenil apresentados nas reuniões da ANPED sejam suficientes ou representativos para compor um quadro das pesquisas sobre o tema no Brasil, em sua conexão com a educação. Podemos registrar, por exemplo, a escassez de trabalhos sobre poesia na escola, a quase inexistência de textos que examinem questões da abordagem de literatura (ou de obras literárias ou “literárias”) no Ensino Médio, a pouca ênfase em uma temática emergente como a literatura digital, a quase ausência de discussões sobre a biblioteca na formação de leitores... e o leitor ou leitora poderia ainda encontrar um rol de outras temáticas dentro do campo mais geral, que não têm sido abordadas.

Outras reflexões podem também ser feitas. A ausência ou presença restrita de determinadas temáticas, de pesquisadores, de pesquisas de conhecidos centros de estudo de literatura infantil nas reuniões poderiam ser explicadas pela falta de interesse neste espaço de divulgação e troca, dada a existência de outros e talvez mais prestigiosos canais de publicização, como a publicação em periódicos e em livros⁴, a participação em outras instâncias de maior visibilidade e, talvez, de maior repercussão em termos de ação efetiva no relacionamento entre literatura e escola. Por outro lado, talvez seja procedente discutir a posição da literatura infanto-juvenil no GT preferencial para veiculação de seus trabalhos na ANPED – o GT 10, denominado “Alfabetização, leitura e escrita”, em que tal campo fica subsumido sob o rótulo geral “leitura”. E é evidente, pelos números mostrados, que as temáticas da literatura infanto-juvenil têm tido presença secundária no GT. Ainda, finalmente, nunca é demais lembrar o quanto os estudos sobre essa literatura adjetivada têm andado nas fronteiras, nem sempre pacíficas, dos campos de Letras e Pedagogia, fronteiras nas quais não têm faltado, historicamente, desconfianças, disputas de legitimidade e desencontros. E, nesse sentido, e em tempos de avaliações de pesquisadores e de programas de Pós-Graduação, representaria uma contribuição ao capital simbólico (e mensurável) de pesquisadores de uma ou outra filiação institucional o cruzamento de tais fronteiras?

Talvez para compensar o tom um pouco melancólico de tais questionamentos, seja relevante neste momento evocar as palavras de Ana Maria Machado, uma apaixonada, como a maioria de nós, pelos encantos da palavra literária:

⁴ Como exemplo de uma pujante coleção que versa sobre as relações entre literatura e escola, pode ser citada a coleção “Literatura e educação”, com volumes publicados regularmente pela Editora Autêntica e CEALE-FAE-UFMG, alguns deles com o selo “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Toda a forma de conhecimento é importante e significativa. Como todas elas, a literatura também tem relevância. Mas, sendo uma arte – e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance dos indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem -, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar esta percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso. (MACHADO, 2011, P. 18-19)

Lidas tais palavras, parece-nos quase imperativo prosseguirmos na busca de pavimentar o caminho que leva nossas crianças e jovens ao encontro dessa “forma de conhecimento”.

Referências bibliográficas

GOULART, Cecília; KRAMER, Sônia. Alfabetização, leitura, escrita: 25 anos da ANPED e 100 anos de Drummond. *Revista Brasileira de Educação*. Set/out/nov/dez 2002, n. 21.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Lista de trabalhos analisados (ordenados por ano)

Trabalho 1 – Título: EU QUERO AQUELE... ESSE AQUI NÃO... CENAS DE PERCEPÇÕES INFANTIS PRESENTES NA ESCOLHA DO LIVRO - autora: Gladys Rocha (UFMG) – GT 10 – 23ª. Reunião 2000

Trabalho 2 - Título: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO LITERATURA/ESCOLA – autora: Aracy Martins Evangelista (UFMG) – GT 10 – 24ª. Reunião 2001

Trabalho 3 – Título: HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES EM CAMADAS POPULARES - autora: Andréa Pavão (PUC-Rio) - GT 10 - 24ª. Reunião 2001

Trabalho 4 – Título: AS IMAGENS MULTIFACETADAS DA PALAVRA: A LITERATURA NA ESCOLA – autora: Carolina Amália Witzke Darolt – UFSCar – GT 6 (pôster) – 25ª. Reunião 2002

Trabalho 5 – Título: A LITERATURA E SUAS APROPRIAÇÕES (INSUBMISSAS) POR LEITORES JOVENS – autora: Maria Zélia Versiani Machado (UFMG) – GT 10 (pôster) - 25ª. Reunião 2002

Trabalho 6 – Título: A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS EM PARES E O PROCESSO DE INTERAÇÃO – autora: Sueli Silva Gorricho Costa (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava – FEI e Centro Universitário Moura Lacerda – CUML) – GT 10 (pôster) - 25ª. Reunião 2002

Trabalho 7 – Título: LITERATURA INFANTIL E ESCOLA: O PAPEL DAS MEDIAÇÕES – autora: Maria Luiza Oswald (UERJ) e Andreia Attanzio Silva (CNPq - PIBIC/UERJ) – GT 10 - 27ª. Reunião 2004

Trabalho 8 - Título: ALGUMAS ESPECIFICIDADES DA LEITURA LITERÁRIA – autora: Maria das Graças Rodrigues Paulino (UFMG) – GT 10 – 28ª. Reunião 2005

Trabalho 9 – Título: JOVENS LEITORES E SUAS BIBLIOTECAS ÍNTIMAS – autora: Maria Zélia Versiani Machado (UFMG) – GT 10 – 30ª. Reunião 2007

Trabalho 10 – Título: O LUGAR DO CÂNONE NO LETRAMENTO LITERÁRIO – autor: Celdon Fritzen (UNESC) – GT 10 – 30ª. Reunião 2007

Trabalho 11 – Título: A CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS DE LITERATURA INFANTIL PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES: A ESCOLA COMO MERCADO E AS ESCOLHAS EDITORIAIS – autoras: Bruna Lidiane Marques Silva (UFMG) e Elaine Maria da Cunha (UFMG) – GT 07 – 31ª. Reunião 2008

Trabalho 12 – Título: A NARRATIVA VERBO VISUAL E SEU PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO – autora: Flavia Brocchetto Ramos (UCS) – GT 10 - 31ª. Reunião 2008

Trabalho 13 – Título: PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: AS POSSIBILIDADES DA LITERATURA INFANTIL – autora: Cíntia de Souza Batista Tortato (UTFPR) – GT 23 - 31ª. Reunião 2008

Trabalho 14 – Título: SEXUALIDADE NA ESCOLA MEDIADA PELA LITERATURA: APROPRIAÇÕES DOCENTES – Autora: Andréa Costa da Silva (Colégio Brigadeiro Newton Braga) e Vera Helena Ferraz de Siqueira (UFRJ) – GT 23 - 31ª. Reunião 2008

Trabalho 15 – Título: LETRAMENTO LITERÁRIO: ESCOLHAS DE JOVENS LEITORES – Autora: Begma Tavares Barbosa (UFJF) GT 10 – 32ª. Reunião 2009

Trabalho 16 – Título: ENSINANDO SOBRE A DIFERENÇA NA LITERATURA PARA CRIANÇAS: PARATEXTOS, DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO MULTICULTURAL – Autoras: Rosa Maria Hessel Silveira (ULBRA e UFRGS), Daniela Ripoll (ULBRA) , Iara Tatiana Bonin (ULBRA) – GT 10 - 32ª. Reunião 2009

Trabalho 17 – Título: A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ENCONTRO DA CRIANÇA COM O TEXTO – Autor: Cleber Fabiano da Silva (UNIVALI) – GT 10 - 32ª. Reunião – 2009

Trabalho 18 – Título: OS CRITÉRIOS DOS ESPECIALISTAS PARA OS LIVROS LITERÁRIOS A SEREM LIDOS NA ESCOLA – Autoras: Ludmila Thomé de Andrade (UFRJ) e Priscila Monteiro Corrêa (UFRJ) - GT 10 - 32ª. Reunião 2009

Trabalho 19 - Título: A CRIANÇA E O LIVRO LITERÁRIO: ENCONTROS E POSSIBILIDADES – Autor: Cleber Fabiano da Silva (UNIVALI) - GT07 – 33ª. Reunião 2010

Trabalho 20 – Título: HUMOR, LITERATURA INFANTIL E DIFERENÇA - UM ESTUDO COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS - Autoras: Iara Tatiana Bonin (ULBRA), Rosa Maria Hessel Silveira (ULBRA e UFRGS) – GT 10 - 33ª. Reunião 2010

Trabalho 21 – Título: IDENTIDADES DE LEITOR NA ERA DIGITAL: O CIBERLEITOR INFANTO-JUVENIL – Autor: Edgar Roberto Kirchof (ULBRA) - GT 10 - 33ª. Reunião 2010

Trabalho 22 – Título: LEITURAS DE CRIANÇAS SOBRE A IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL – Autoras: Gládis Kaercher (UFRGS) e Maria Isabel Dalla Zen (UFRGS) – GT 13 – 33ª. Reunião 2010

Trabalho 23 – Título: LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES DE TEXTOS E DA VIDA – Autora: Luciana Domingos de Oliveira (UFES) - GT 10 – 34ª. Reunião 2011

Trabalho 24 – Título: LIVRO DE IMAGEM: UM GÊNERO TEXTUAL PRESENTE NA ESCOLA PÚBLICA, UMA NOVA PERSPECTIVA DA LEITURA E DE SEU ENSINO-APRENDIZAGEM – Autora: Marília Forgearini Nunes (UFRGS) - GT 10 – 34ª. reunião 2011

Trabalho 25 – Título: LEITURAS DE ESCOLARES SOBRE DIFERENÇAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA – autoras: Gládis Kaercher (UFRGS) e M. Isabel Dalla Zen (UFRGS) – GT 13 - 34ª. reunião 2011

Trabalho 26 – Título: PESQUISAS SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E RELAÇÕES RACIAIS: UM BREVE ESTADO DA ARTE – autora: Débora Cristina de Araújo (UFPR) – GT 21 - 34ª. reunião 2011

Trabalho 27 – Título: DO ACERVO AO LEITOR: POR UMA POLÍTICA DA DIFERENÇA NO CAMPO DA LITERATURA INFANTIL – autora: Eliane da Silva Felipe (UFPA) – GT 10 – 35ª reunião 2012

Trabalho 28 - Título: SOBRE MAÇÃS E SOBRE MANGAS: NOTAS DE UMA PESQUISA EM DIÁLOGO COM CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E COM A LITERATURA – autora: Cláudia Alexandre Queiroz (UERJ) e Mailsa Carla Pinto Passos (UERJ) – GT 21 - 35ª reunião 2012